



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## O ARTESANATO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS, COMUNIDADE QUILOMBOLA BICENTENÁRIA DO AGRESTE PERNAMBUCANO: IDENTIDADE ÉTNICA E PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

Autora: Dra. Giovanna de Aquino Fonseca (*PMCG*);

Orientadora: Dra. Rosilene Dias Montenegro (*UFCG*)

**Resumo:** Este trabalho teve por objetivo levantar a discussão sobre a possibilidade da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, distrito do Município de Salgueiro, interior de Pernambuco, se tornar Patrimônio Cultural do Brasil, a partir do artesanato, identidade étnica da comunidade quilombola. Neste sentido, fazendo uso de fontes bibliográficas, orais e iconográficas, realizou-se levantamento preliminar, do artesanato presentes na comunidade, identificado como bem cultural, que caso a comunidade deseje, devem ser inventariados –bens- para posterior registro, junto ao Instituto de Patrimônio, Histórico, Artístico e Cultural Nacional – IPHAN. Esse reconhecimento fará de Conceição, não apenas um local de resistência à escravidão, como já conhecido, mas também Lugar de permanência e de continuidade, diante da salvaguarda das suas práticas culturais.

**Palavras- chave:** Comunidade quilombola, Patrimônio Cultural, Identidade étnico.

### INTRODUÇÃO

A história da escravidão no Brasil nos mostra que a resistência do negro as condições de trabalho, com motins e revoltas, deu origem a novas formas de organização social: os quilombos. Comunidades estabelecidas, baseadas em laços de solidariedade, de compadrio e de uso coletivo da terra. Até o final do século passado, quando falava-se em quilombo, nos livros didáticos, um dos poucos citados era Palmares, no interior de Alagoas. Entretanto, sabe-se que em todo o Brasil são mais de 1.500 comunidades espalhadas e já certificada titularidade pela Fundação Palmares, Conceição é uma delas.

Em viagem realizada a comunidade no período de 26 a 28 de Setembro de 2014, como atividade do Curso de Especialização em Educação para as relações étnico raciais (2014-2015), percebeu-se que algumas das características na forma de viver dos quilombenses são indicativos que preenchem os livros de registro do IPHAN, no que concerne a titularidade de Patrimônio Cultural do Brasil.

Percebemos ainda que, dos trinta bens registrados pelo Instituto de preservação do patrimônio, apenas dois promovem relação direta com a cultura afrobrasileira, a



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

capoeira como expressão cultural e o ofício das baianas, o modo de fazer o acarajé. Não existe nenhum registro de comunidade quilombola, reconhecida como bem cultural do Brasil, diante da cultura vivenciada. É preciso que o conceito de patrimônio nas comunidades remanescentes de quilombos, seja visto como instrumento político não só de demarcação de lugar, de território, mas também de identidade e fronteiras étnicas.

Nessa perspectiva desenvolvemos nossa investigação tendo por metodologia as referências bibliográficas que foram escritas sobre Conceição das Crioulas, como: monografias de conclusão de curso na área de design, bibliografias produzidas pela própria comunidade com intermédio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), depoimentos dos líderes a partir de entrevistas realizadas com questionário estruturado.

Este artigo está em estruturado em duas partes, na primeira delas, intitulada de *Conceição, que lugar é este?* Pretendeu-se fazer breve retrospectiva histórica do lugar, apresentando ao leitor a comunidade investigada, na segunda e última parte do texto, *Conceição, os bens culturais reconhecidos como patrimônio cultural do Brasil*, fez-se inicialmente retrospectiva histórica sobre o conceito de patrimônio imaterial, relacionando aos bens culturais com vistas no pedido de registro, especialmente o artesanato de Conceição.

*PRIMEIRA PARTE - Conceição, que lugar é este? Ou Conceição, onde “você” está?*

Território de 18 mil hectares, localizada no Sertão Central do estado de Pernambuco, distante 550 km de Recife, no II Distrito de Salgueiro, próximo aos municípios de Mirandiba, ao leste Carnaubeira da Penha, ao Sudeste, e Belém do São Francisco, ao sul. Conceição é uma comunidade bicentenária, que teve sua origem no início do século XIX, por seis crioulas e um escravo fugitivo, conhecido por Francisco José de Sá. Os sete fixaram moradia no local, posteriormente arrendaram uma porção de terras equivalente a três léguas em quadra, dando origem então ao povoado. Para pagar a renda, as mulheres plantavam e fiavam o algodão, vendiam na cidade de Flores, até que em 1802, conseguiram comprar do Rei toda as suas terras. Contam os mais velhos<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Depoimento proferido por Dona Liosa, na Igreja de Conceição, durante a manhã do dia 28 de Setembro de 2014, durante a realização da aula de campo do curso de Especialização, já mencionada no texto introdutório deste trabalho.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que parte da área adquirida foi doada pelo rei para a construção de uma capela no centro do povoado, as mulheres colocaram a imagem de Nossa Senhora da Conceição que tinha sido trazida nos pertences de Francisco, por ocasião da sua fuga. Diante do ocorrido a comunidade passou a ser conhecida como Conceição em tributo a santa e crioulas em homenagem as seis mulheres.

Ainda sobre a origem, convém lembrar que essas terras foram ocupações dos indígenas da etnia Cariri, índios conhecido por “atikum”, que habitavam toda a região do Agreste e Sertão do estado. Os índios, aos poucos foram perdendo as terras para os brancos, que na colonização do interior deram lugar as rotas de gado. Assim sendo, os negros fugidos juntaram-se aos índios na resistência ao branco.

Os negros acabaram por se estabelecer em Conceição, e os índios a Serra das Umãs, outro distrito de Salgueiro, fronteira com Conceição das Crioulas. Na caatinga nordestina essas comunidades promoveram trocas culturais que estabeleceu no decorrer desses duzentos anos estratégias de resistência e convívio com o sertão pernambucano. A palavra de ordem dessa comunidade parece ser de fato, resistência, resistência à escravização dos brancos, resistência à solidez do solo.

Diante da criação de uma Comunidade Eclesiástica de Base – CEB, nas últimas décadas do século XX, o povo de Conceição passou por um processo de reconstrução de sua história. A comunidade passou a perceber a importância que era o reconhecimento de si, e por conseguinte a busca pelos seus direitos, a começar pela titularidade do território. Lideradas pela missão das freiras carmelitas, os textos bíblicos serviram de base para as pesquisas acerca da ancestralidade do povo quilombola. As mulheres mais idosas da comunidade eram conhecidas como catequistas, tinham o objetivo de repassar para as gerações mais novas seus conhecimentos sobre seus antepassados, fortalecendo assim, o entendimento da identidade formadora dos quilombolas.

Outras articulações neste sentido foram realizadas em Conceição, com grupos políticos institucionais, que deram suporte a busca pelos direitos. Foi criada no ano 2000, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Politizados e reconhecedores dos seus direitos a comunidade quilombola de Conceição, no ano 2000, recebeu da Fundação Cultural Palmares, a titularidade do território. No entanto, esse processo, ao contrário do que acontece atualmente, não foi realizado com êxito, pois as desapropriações não foram concedidas pelo Governo Federal. De maneira que, os conflitos entre fazendeiros e quilombolas tornou-se algo rotineiro, por um lado o povo quilombola com a titularidade as terras concedidas, por outro os fazendeiros resistem a desocupação pelo fato de não terem sido indenizados. A comunidade se prejudicou, pois, sem acesso ao território por completo as dificuldades comprometem a sobrevivência. Para os quilombolas esse território não só representa valores econômicos, mas também abriga laços de parentesco, de reciprocidade, de identidade étnica, símbolo de luta e resistência de um povo. Nesse sentido, compreende um território de sobrevivência, social, econômico e cultural.

Um novo processo foi iniciado no ano de 2004, diretamente com o Instituto Nacional de colonização e reforma agrária (INCRA) de desocupação do território, em 2008 foi elaborado o relatório técnico de identificação e delimitação. Em 20 de novembro de 2009, o decreto de regularização de território quilombola assinado, por parte do INCRA. A luta em busca da conquista do território continuou em 22 de Setembro de 2014, parte da questão fundiária foi resolvida, o INCRA, entregou a comunidade 898 hectares de terra, o correspondente a três títulos de domínio de cinco imóveis rurais que estavam dentro do Território Quilombola, passando a compor efetivamente o patrimônio coletivo da comunidade<sup>2</sup>.

A regularização do território quilombola continua sendo reivindicada, ao tempo em que estratégias de gestão são estudadas pelas lideranças da comunidade, para que o território seja usufruído por todos que compõem a comunidade, com projetos de desenvolvimento sustentável<sup>3</sup>. Atualmente Conceição das Crioulas abriga 4.000 habitantes, distribuídos em 16 núcleos populacionais, onde residem 750 famílias. Seu território ocupa 17 mil hectares.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.incra.gov.br/noticias/comunidade-quilombola-conceicao-das-crioulas-pe-recebe-titulo-de-mais-de-800-hectares> acessado em 12 de Dezembro de 2014.

<sup>3</sup> Preocupação esboçada pelo casal, Antonio Francisco de Oliveira e Fabiana Ana da Silva, lideranças na comunidade em palestra realizada na tarde do dia 27 de Setembro, durante a nossa visita, na aula de campo. Trataram do tema: Resistência, conquistas e território.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### *SEGUNDA PARTE- Conceição, os bens culturais reconhecidos como patrimônio cultural do Brasil.*

Na atualidade, temáticas relacionadas ao patrimônio vem sendo investigadas nas diversas áreas de conhecimento, não apenas da História, mas também da Pedagogia, Antropologia, das Ciências Sociais, da Filosofia, de Geografia Cultural, da Psicologia Social, da Arquitetura urbanística, entre outras. Essa difusão se deve ao fato da ampliação do próprio conceito, tendo sido a carta de Atenas de 1931, a criação da ONU, em 1945 e da UNESCO em 1946, grandes responsáveis por esta mudança. Terminada a segunda guerra mundial, essas organizações tiveram papéis fundamentais para a reconstrução de referências identitárias dos lugares atingidos. As comunidades minoritárias como, por exemplo, o patrimônio das comunidades indígenas, das mulheres, dos grupos religiosos e desportivos, como o meio ambiente, passaram a ser valorizadas na medida em que iam sendo salvaguardadas.

Notadamente o Brasil, sofre influência dos organismos internacionais como a UNESCO, e já na década de 1990, diante do processo de redemocratização, assiste-se a uma ampliação do conceito de patrimônio, considerado como o conjunto de bens, culturais e naturais, de determinado território e sociedade. Este conjunto de bens categoriza-se em tangíveis (bens naturais, imóveis, fixos, etc.) e intangíveis (bens culturais, manifestações de tradições artísticas, legado cultural, memória, identidade cultural, etc.) Assim sendo, no conceito de patrimônio passa a caber um conjunto de utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas da vida quotidiana de todos os segmentos sociais<sup>4</sup>. Patrimônio cultural se define, portanto, não como os bens de família transmitidos uns aos outros por intermédio da herança individual, mas sem restrição de laços de consanguinidade, são partilhados com todos aqueles que se identificam com a causa, dando sentido a construção da identidade coletiva, baseada na memória também coletiva.

---

<sup>4</sup> ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. (2012). As Feiras como patrimônio imaterial e cultural das cidades. In: **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese de Douramento em História Contemporânea (Universidade do Minho - UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal, p. 452.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo a Constituição de 1998, definem-se como patrimônio cultural, todos os bens naturais e culturais, materiais e imateriais, manifestações populares ou eruditas, monumentos individualizados ou em conjunto, desde que sejam portadores de uma referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes elementos étnico-culturais, formadores da nação brasileira<sup>5</sup>.

É nesse contexto que vemos as comunidades tradicionais quilombolas, diante das características de resistência fundiária, territorial, de conflitos, como depositários de valores, expressões, tradições, que definem a identidade étnica dos grupos. E tudo isso se faz muitas vezes a partir da criação de símbolos/ícones dos patrimônios culturais, que por um lado demarcam as especificidades, e singularidade dos partícipes e por outro dão lugar a continuidade dos grupos.

### 1. Patrimônio Imaterial e Comunidade Quilombola

Diante da ampliação do conceito de patrimônio, o Governo Federal, por intermédio do Ministério da Cultura, e especialmente o IPHAN, considera os bens culturais de natureza imaterial, que constituem o patrimônio imaterial brasileiro, foram categorizados em livros distintos de registro, com temáticas diferenciadas, de acordo com o manual do INRC- Inventário Nacional de referências culturais (metodologia utilizada pelo IPHAN, para inventariar os bens culturais identificados). Os temas dos livros são os,

“1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. (crendices, superstições, lendas, ofícios como vaqueiro, farinheiro, da culinária, artesanato...); 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. (festas de padroeiros, da colheita, festa de rua, festejos juninos, de natal, de ano novo); 4) Lugares de sociabilidade: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas<sup>6</sup>.”

---

<sup>5</sup> Araújo, cit. ..., p.98. APUD: Lemos, Carlos. (2008). *O que é Patrimônio Histórico*. 5. Ed. Brasiliense, São Paulo. Sobre a formação da identidade dos sujeitos, estando relacionada ao patrimônio ver ainda: Vianna, Leticia C. R. e Teixeira, João G. L. C. (2008, Julho) Patrimônio imaterial, performance e identidade. Em: *Concinnitas*, ano 9, volume1, número 12. Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Araújo, G. de A. F. (2010). Categorias que constituem os distintos Livros do Registro; Apresentação aula aberta, “Projeto em Turismo Cultural: a feira de Campina Grande-PB”. Em: Mestrado em Patrimônio e Turismo Cultural, Unidade Curricular de Projeto em Turismo Cultural. Universidade do Minho, ICS, Sala de Atos, em 24 de Maio de 2010, Braga. pp. 7-8. APUD: IPHAN, Decreto nº 3.551, de 4 de Agosto



Portanto, todos esses livros, são objetos, práticas e lugares apropriados por segmentos e grupos sociais na construção de sentidos de identidade; são o que popularmente se chama de *raiz* de uma cultura.

Neste sentido, que tanto ao analisar os livros, como na viagem que fizemos a Conceição das Crioulas, percebemos que esta comunidade quilombola tem elementos culturais que preenchem os requisitos de patrimônio cultural.

Relevante destacar que a referência “Nosso Território: Conceição das crioulas”<sup>7</sup> aparecerá de maneira recorrente no texto, por dois motivos importantes: o primeiro deles por apresentar elementos que embora os organizadores não tenham atentado, corresponde a todas as temáticas dos livros de possível registro do INRC. E o segundo motivo, por ser uma obra produzida pela comunidade, como produto de oficinas educativas realizadas nas escolas locais, e publicada em 2003, pela AQCC<sup>8</sup>, com metodologia de investigação utilizada também sendo típica de inventário cultural diante das rodas de diálogo, questionários, entrevistas, contações de histórias, desenhos. Nessa ação de Educação patrimonial, os estudantes de diversas faixas etárias, educadores, e lideranças comunitárias, identificam, e reconhecem os bens culturais que seu território dispõem; Trazendo para a temática do patrimônio imaterial, essa atitude corresponde não apenas a um inventário cultural, mas principalmente como ação política educacional de salvaguarda, realizada pelos guardiões do patrimônio, os “griôs”, por intermédio de seus depoimentos aos “inquisidores”, que são crianças quilombolas de agora, adultos do amanhã.

## **2. Conceição eo artesanato, saberes/ ofícios e modos de fazer**

Na convivência com a “aridez” do semiárido, a comunidade de Conceição das Crioulas, sobrevive não apenas da agricultura de subsistência e da pecuária, mas as atividades econômicas se dão na área da cultura figurativa. Nesse sentido, as mulheres de Conceição dão novas formas as fibras de caroá, vegetação nativa da caatinga, aliando o fomento do desenvolvimento sustentável, a preservação dos costumes, tradições e

---

de 2000. Acedido em 05 de Maio de 2011, em [«http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=295»](http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=295)

<sup>7</sup> ARARIPE, André e Erika Nascimento (org.). **Nosso Território: Conceição das crioulas**. Associação Quilombola de Conceição das crioulas- AQCC. Salgueiro- PE, 2003

<sup>8</sup> Associação Quilombola de Conceição das crioulas.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

história da comunidade. Confeccionam bonecas que representam as mulheres da comunidade, homenageiam não apenas as que deram origem ao lugar, mas todas aquelas que nas suas descendências carregam características semelhantes, guerreiras, trabalhadoras, líderes comunitárias.

A fiagem do algodão é uma atividade comercial bicentenária, nas terras de Conceição, inclusive responsável pela posse do território, pois as mulheres fiavam e vendiam na cidade de Flores, no passado, as fibras eram comercializadas no seu estado natural, sem nenhuma transformação. Os objetos gerados da relação do homem com seu meio encontram o valor de uso no seu cotidiano, na labuta da roça e dos animais, nas instalações singelas das moradias. A fibra do caroá, o barro e a palha do catolé, são matérias primas que sempre foram utilizadas pelas artesãs de Conceição, confeccionavam, objetos para uso doméstico. “Como sacos de legumes (milhos, feijão), borná que serviam pra a caça e dá comida aos animais”<sup>9</sup>.

O artesanato tradicional de Conceição dar novos formatos às matérias primas disponíveis no ecossistema do sertão. Recursos naturais renováveis que tradicionalmente vêm sendo utilizados por gerações através de técnicas repassadas pelos mais velhos. O patrimônio imaterial se dá na prática do saber repassado dessas gerações que são relevantes para o convívio com essa aridez do solo.

A técnica de extração da matéria prima da natureza sem danificar o ecossistema do sertão são saberes inerentes a cultura popular que são transmitidos como legado, de geração para geração, como afirma a entrevistada Fabiana, quando perguntada se essa técnica de sustentabilidade de retirar o caroá com cuidado para não desperdiçar, não teria sido ensinada pelo SEBRAE. A comunidade já tinha esse cuidado antes das oficinas do SEBRAE ou tinham aprendido com os mais velhos? A entrevistada responde: “Sim, Não existe mestres, oficinairos, doutores melhores que os nossos mais velhos. O título, o certificado trás a técnica, mas a sabedoria dos mais velhos é insubstituível. É uma fonte que sempre temos que beber.”

Alguns estudos sobre sustentabilidade, convivência com semiárido, projetos de intervenção foram realizados por designs que fizeram de Conceição das Crioulas

---

<sup>9</sup> Depoimento da líder comunitária Fabiana Ana da Silva em entrevista realizada na tarde de 30 de Maio de 2015.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“Estudo de caso”<sup>10</sup>. Posteriormente o SEBRAE, por intermédio da AQCC e outros órgão externos a comunidade, fizeram oficinas de empreendedorismo com os artesãos e as artesãs, não apenas de Conceição, mas de toda região. Nessas atividades, aprenderam a agregar mais valor comercial, aos objetos de fabricação artesanal que já possuíam valores culturais significativos.

As “bonecas vivas” mencionada em parágrafos anteriores, é a marca de Conceição, pois representam 10 (dez) mulheres quilombolas, que tiveram ou que ainda tem importância para comunidade. Feitas com fibras de caroá, cada uma delas tem características físicas semelhantes às das personagens. Depois das oficinas de capacitação, e da intervenção dos especialistas em designer as embalagens passaram a ser personalizadas, contando as histórias de vida dessas mulheres, de luta e de resistência, reafirmando a identidade étnica do lugar. Foi criada também uma marca para todos os produtos de Conceição das Crioulas. A marca da comunidade tinha que representá-la. Nesta perspectiva, foi realizada seleção das fotografias dos rostos das mulheres mais idosas da comunidade, que se dispusera a ter seu rosto estampado em todas as etiquetas da AQCC, as voluntárias foram: dona Júlia, Dona Liosa, Generosa, Antonia, o rosto escolhido foi o de Tia Dina, artesã de barro e rezadeira na comunidade. Sugestões do designer, que por um lado agregam valor a “mercadoria”, mas por outro chamam atenção dos compradores para o referencial identitário que elas representam na comunidade. São inclusive, chamada pelos apelidos que são conhecidas: a parteira-mãe Magá; Madrinha Lourdes - artesã de barro; Ana Belo- fiadeira de algodão; Lourdinha- professora; Josefa- artesã de palha; Francisca Ferreira- uma das seis negras fundadoras da comunidade e Valdeci- artesã e líder da comunidade. O artesanato da região além de ser atualmente geração de emprego e renda garantindo o sustento de muitas artesãs, foi também “premiado, por várias vezes, pelo fato de trabalhar a perspectiva da sustentabilidade, inovação, respeito ao meio ambiente e valorização

---

<sup>10</sup> BOTELHO, Vinícius Simões. **Design e Artesanato: Um estudo comparativo sobre modelos de intervenção**. Recife, 2005. Projeto do Produto do Centro de Artes e Comunicação Departamento dDesign, Universidade Federal de Pernambuco; SÁ, Ticiano Arrais de. **Design e Desenvolvimento: perspectivas para as comunidades pequeno-produtivas**. Monografia de conclusão do curso de design da ufpe. 2001; SANTOS, Josivan Rodrigues dos. **Conceição das Crioulas Um Caso de Sucesso**. Projeto do Produto do Curso de Desenho Industrial, da Universidade Federal de Pernambuco. Setembro de 2004; MENDES, Fabiana Creuza. **Conceição das Crioulas: artesanato**. Recife, 2004. Não publicado;



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociocultural”<sup>11</sup>. Com o recurso financeiro desse prêmio, as artesãs, construíram o prédio conhecido como CPA- Centro de Produção Artesanal, que é gerido pela AQCC, e ainda pretendem reformar a “casa da comunidade”. As bonecas de Conceição são conhecidas nacionalmente e internacionalmente, segundo as artesãs. Trata-se de produto exclusivo, no qual por intermédio delas conhecemos a história do lugar. Além das bonecas, nas feiras, a exemplo da II FENNEART o artesanato de Conceição se sobressai, outros objetos também são comercializados: vasos, devidas condições de expansão onde barro que é encontrado em alguma serras, dá lugar não só aos utensílios domésticos, como potes, panelas, copos, mas também enfeites ou adornos femininos, como colares e brincos, com o algodão e o caroá, que se transformam em redes, rendas, tapeçaria, bolsas, roupas, jogo americano de fichu, com a madeira, brinquedos, pilões, esculturas. Entretanto, é relevante esclarecer que todos os produtos apresentam referenciais culturais da comunidade. O depoimento de Maria de Lourdes da Silva descreve bem essas relações,

“Meu nome é Lourdinha, sou professora e artesã, também sou uma boneca que foi homenageada. Cada produto desse daqui representa uma história da comunidade, essa saia, é uma saia [mostra a saia para câmara], que chama saia mapa, porque todas essas palavras, essas letras, são nomes de comunidades daqui de Conceição das crioulas. Cada bonequinha dessa representa a história de uma mulher da comunidade, que com ela carrega um grupo de mulheres da comunidade. E temos agora um produto novo que estamos fazendo na comunidade, que é a pomada, ela serve para várias coisas, para dor nas pernas, para várias coisas, para massagear, e aqui tá escrito de tudo que foi feito, quais são as plantas nativas que a gente tá trabalhando. Temos também, coisinhas pequenas que podem ser utilizados para lembrança, como pingente, como brinco, e como imã de geladeira. Temos também o jogo americano, que também é feito com caroá, dessa espécie também tem o painel, que serve para colocar foto, como passadeira de mesa, então são esses os produtos que temos. As bolsas também, com a logomarca da comunidade, todos os produtos tem esse rosto, que é uma mulher da comunidade que também foi homenageada, e é essa a logomarca da comunidade. É a bolsa que retrata bem a história nossa, a mucumbira, que também já alimentou muitas pessoas, e o algodão que deu início a história da Conceição das crioulas e o mandacaru que é de toda região, é regional”

---

<sup>11</sup> Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, FASCÍCULO 6. Quilombolas de Conceição das Crioulas. Salgueiro, Pernambuco. Brasília DF, abril 2007, p.5.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Do ponto de vista de patrimônio cultural, se não tivéssemos ido até Conceição, já conseguiríamos perceber a importância cultural dessa comunidade quilombola, somente pela descrição desse depoimento, bem como as publicações realizadas pela AQCC. No livro, *Nosso Território: Conceição das crioulas*<sup>12</sup>, não só pelo modo de fazer o artesanato, como as bonecas, as peças em cerâmica, esteiras, pulseiras, cintos, jogo americano de caroá ou fixú, bolsa, borná, e susplár, mais também o modo de fazer os remédios caseiros indicados pelas benzedadeiras.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição das Crioulas é um lugar de referencia cultural que agrega todos os valores patrimoniais, os laços de afetividade, de respeito mútuo e de tradição, fazem dessa comunidade um lugar que merece ser valorizado e reconhecido para além dos seus “muros”, os seus bens culturais, seja o artesanato tradicional, sejam as credences populares que dão nome e lugar aos espaços de memória, sejam as formas de diversão genuínas das danças coletivas, precisa ser reconhecidas e partilhadas com outras comunidades.

Alguns passos já foram iniciados neste sentido, a busca pelo título junto a Fundação Palmares e posteriormente o INCRA e a organização social do povo quilombola, por intermédio da AQCC, resta agora à comunidade decidir se pretendem dar continuidade as ações que já vem desenvolvendo, direcionando para a temática do Patrimônio Cultural.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIPE, André e Erika Nascimento (org.). **Nosso Território: Conceição das crioulas**. Associação Quilombola de Conceição das crioulas- AQCC. Salgueiro- PE, 2003.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. (2012). As Feiras como patrimônio imaterial e cultural das cidades. In: **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese de Douramento em História Contemporânea (Universidade do Minho - UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal.

---

<sup>12</sup> ARARIPE, André e Erika Nascimento (org.). **Nosso Território: Conceição das crioulas**. Associação Quilombola de Conceição das crioulas- AQCC. Salgueiro- PE, 2003, p. 15-16 e 25



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ALBUQUERQUE, Mabel Ann Black. História e Memória Negra em Conceição das Crioulas. In: **Comunidades Remanescentes de Quilombo no Interior de Pernambuco**. Recife, 1997. Relatório de Pesquisa do Dep. de Ciências Sociais Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.

Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Comunidades Quilombolas**. Presidência da República Federativa do Brasil. Brasília.

FREIRE, Emanuel de Andrade. **Conceição das Crioulas: uma análise dos processos identitários e territoriais de uma comunidade quilombola no sertão de Pernambuco**. Paulo Afonso-BA, 2012, 169p.

MENDES, Fabiana Creuza. **Conceição das Crioulas: artesanato**. Recife, 2004. Não publicado.

OLIVEIRA, Morgana G. C. de. Conflito, Resistência e Etnicidade: o território entre índios e negros quilombolas. In **Comunidades Remanescentes de Quilombo no Interior de Pernambuco**. Recife, 1997. Relatório de Pesquisa do Dep. de Ciências Sociais Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, FASCÍCULO 6. **Quilombolas de Conceição das Crioulas**. Salgueiro, Pernambuco. Brasília DF, abril 2007.

SANTOS, Josivan Rodrigues dos. **Conceição das Crioulas Um Caso de Sucesso**. Projeto do Produto do Curso de Desenho Industrial, da Universidade Federal de Pernambuco. Setembro de 2004.

SÁ, Ticiano Arrais de. Conceição das Crioulas: construindo um outro Brasil uma breve história de cooperação e inclusão social. In **Casos de Sucesso Sebrae**. São Paulo. Edições SEBRAE, 2003.

SANT'ANNA, Márcia. "Políticas públicas e salvaguarda do patrimônio imaterial.". In: Andrea Falcão (org.). Registro e Políticas de Salvaguarda para as culturas populares. Série Encontros e Estudos, n. 6. Rio de Janeiro: Iphan/CNFCP. 2005, p.11.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira Souza. A Comunidade de Conceição e o início da ocupação do território. In: **Em Tempo de Histórias** - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.9, Brasília, 2005,PP. 115-130.